

CONCEPÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

CONCEPTS OF GENDER AND SEXUALITY OF PSYCHOLOGY STUDENTES

Marina Tedeschi Cano 1
Ana Paula Leivar Brancaloni 2

Resumo: Atualmente, questões como as desigualdades de gênero e os altos índices de violência contra mulheres cisgêneras, pessoas transexuais e homossexuais demandam que o assunto seja profundamente debatido no âmbito acadêmico e que a categorização e a naturalização dos gêneros nos diversos espaços sociais sejam problematizadas. O objetivo deste trabalho consistiu em investigar as concepções de gênero e sexualidade de um grupo de universitários, do último ano do curso de Psicologia, oriundos de instituições particulares de Ensino Superior da cidade de São Paulo, e o tratamento dados às questões ao longo de suas formações em Psicologia. A presente investigação foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa. Utilizou-se para coleta de dados a entrevista semiestruturada e o método de análise dos resultados foi a Análise Temática, que consiste em analisar as falas dos sujeitos a partir do contexto social em que estão inseridos, sendo os resultados constituídos numa aproximação da realidade social. Explorou-se através das entrevistas a escassez de informações sobre concepções de gênero e sexualidade ao longo da graduação. Ressalta-se a importância dessas instituições na formação de profissionais que lidam com público diverso e que devem lutar para que o preconceito e as violências sejam combatidos.

Palavras-chave: Sexualidade. Universitários. Educação sexual.

Abstract: Nowadays, the issue relating gender inequities and high rates of violence against cisgender women, transsexuals and homosexuals requires a profound discussion within the academic scope aiming for a more intensified questioning over the naturalisation and categorisation of gender in the various social spheres.

The goal of this research consists in investigate the perceptions of gender and sexuality from the final year students of Psychology in some universities located in the city of São Paulo. This research has been done from a qualitative approach.

Semi-structured interview has been used along with Minayo's Thematic Analysis proposed method as our data analysis tool. This method consists in analyse individuals speech taking into account their social context, thus results are considered as very close to social reality.

One of the findings of the interviews was the scarcity of information on gender and sexuality conceptions during the university education of these students. We emphasize the importance of these institutions in the training of professionals who deal with diverse audiences and who must fight for prejudice and violence to be combated.

Keywords: Sexuality. University Students. Sexual Education.

1 Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara – São Paulo (SP) – Brasil. Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7250887435988583>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2174-6288>. E-mail: matedeschicano@gmail.com

2 Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara – São Paulo (SP) – Brasil. Doente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5909659700668705>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5927-4175>. Email: ana.brancaleoni@unesp.br

Introdução

Atualmente, o debate sobre gênero e sexualidade ganha cada vez mais relevância. No Brasil, as desigualdades de gênero e sexualidade reforçam os altos índices de violência contra mulheres, pessoas trans e homossexuais, demandando que o assunto seja profundamente estudado no âmbito acadêmico e que a categorização e a naturalização dos gêneros e dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade, nos diversos espaços sociais, sejam problematizadas.

Uma série de reivindicações dos movimentos sociais têm sido elaboradas com base em ideias centrais de democracia e cidadania, tanto na esfera da vida individual como coletiva. As demandas requeridas são prioritariamente por garantia de direitos e inclusão social, econômica, política e cultural. A questão da sexualidade, considerada na perspectiva de um direito, ainda encontra muitos obstáculos para efetivar-se e se expandir em domínios importantes, embora as lutas tenham se tornado cada vez mais visíveis e articuladas, principalmente, a dos movimentos feministas, gays, lésbicos e transgêneros (RIOS, 2006).

Ainda que haja uma crescente atuação do movimento feminista, o Ministério dos Direitos Humanos - MDH (2018) registrou, através da Central de Atendimento à Mulher, 79.661 relatos de violência física e psicológica no período de janeiro a julho de 2018. Os processos de classificação e hierarquização binária e heteronormativa dos gêneros resulta em exclusão, abjeção e violência. Os números de violência de gênero, no Brasil, expressam os efeitos nefastos dessa configuração. Além disso, o Brasil é o país, no qual, mais se registram mortes contra minorias sexuais. Os relatórios realizados pelo Grupo Gay da Bahia (MICHELS, 2018) apontam o índice de uma morte a cada 20 horas, por assassinato ou suicídio, de vítimas da LGBTfobia, apenas no ano de 2018. Durante o ano de 2019, houve 297 homicídios e 32 casos de suicídio (OLIVEIRA; MOTT, 2020).

As desigualdades sexuais e de gênero são muitas vezes entendidas como diferenças hierarquizadas, uma vez que nossa sociedade produz, através dos processos linguísticos e dos discursos de significação, o diferente da norma estabelecida como algo que não é “normal”. Para Silva (2009),

(...) Além disso, a diferença é sempre uma relação: não se pode ser ‘diferente’ de forma absoluta; é-se diferente em relação a alguma outra coisa, considerada precisamente como ‘não-diferente’. Mas essa outra coisa não é nenhum referente absoluto, que exista fora do processo discursivo de significação: essa ‘outra coisa’, o ‘não-diferente’, também só faz sentido, só existe, na ‘relação de diferença que se opõe ao ‘diferente’ (p.87).

A partir dessas reflexões quanto a essas desigualdades, é possível compreender que a maneira como essas categorias são impostas em nossa sociedade dificultam a circulação da diversidade discursiva sobre o tema. Nota-se, assim, que embora o debate esteja sendo ampliado nesse sentido, é preciso que exista uma maior compreensão a respeito da questão.

O conceito de gênero surge na década de 1970, tornando-se notório nas ciências apenas a partir dos anos 1980. Possuía o intuito de distinguir a dimensão biológica da construção histórica, social e política utilizada para se referir, de forma binária, às diferenças entre feminino e masculino, homens e mulheres, homo e heterossexualidade. Esse conceito permitiu a abertura de um novo campo de ação para a desconstrução de categorias já estabelecidas (MATOS, 2008).

Entendemos que, a partir dessa ruptura estabelecida com o uso do conceito, foi possível repensar a hierarquização e a naturalização das diferenças entre os sexos, já que se abre uma nova perspectiva do ser homem e do ser mulher que ultrapassa a esfera biológica e a necessária relação com determinada genital de nascimento. Destaca-se, portanto, o caráter social da elaboração do conceito de gênero.

Muitas transformações sociais começam a surgir diante dos movimentos a favor das

mais diversas maneiras de estar no mundo: homens, mulheres, cis e trans, homossexuais e transexuais reivindicam espaços de construção a partir de seus desejos e direitos. Esses movimentos proporcionam a visibilidade de novas maneiras de constituir os sujeitos em nossa sociedade (LOURO, 2000).

É importante ressaltar que as mulheres foram pioneiras em utilizar o termo “gênero” para recusar a ideia de que somente a anatomia deveria ditar o que uma mulher deveria ser. Dessa maneira, a diferenciação entre sexo e gênero e a distinção entre natureza e cultura começam a apontar para o fato de que os papéis designados para mulheres eram construções sociais e, assim, visavam conter a discriminação que elas sofriam (SCOTT, 2012).

É nesse contexto que o uso do termo gênero, ao mesmo tempo que denunciou que os problemas relacionados às mulheres vinham do machismo, pouco aprofundou a questão das relações de poder que existiam naquela conjuntura, sempre evidenciando o caráter biológico de diferenciação do que é ser homem. A categoria “mulher” seguiu encarada de modo universal, como se todas as mulheres, em diferentes contextos históricos e culturais fossem iguais, reforçando o caráter biológico como unificador (SCOTT, 2012).

Mas, diante de tais questões relacionadas ao gênero e às significações atribuídas à categoria “mulher”, de que maneira é possível compreender e/ou ressignificar o que é ser um homem ou o que é ser uma mulher? O feminino e o masculino se tornam categorias a partir de quais elementos sociais? Para Louro (2000), essa inscrição é feita, nos corpos, a partir das marcas de determinadas culturas, compostas e definidas pelas redes de poder de uma sociedade.

Segundo Butler (2003) aponta que,

Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento (p.19).

A classificação binária do sujeito a partir do órgão sexual (pênis/vagina), após a atestação médica, gera uma série de expectativas sobre o corpo, o comportamento, o gosto, subjetividades, maneira de se vestir e estar no mundo. O sujeito que transitar entre ambas categorias estará se colocando em uma dimensão de questionamento em relação à sua sexualidade ou identidade de gênero a partir das normas sociais, políticas e culturais de um determinado contexto histórico (BENTO, 2011)

No que tange o setor educacional no Brasil, é possível encontrar diversos trabalhos e estudos a respeito do tema gênero e sexualidade, relacionados à Educação Básica e à formação de professores. O que nos chama atenção é que, nas instituições de Ensino Superior, o trabalho em Educação Sexual com jovens universitários em relação a essa temática ainda é pouco problematizado, mesmo que seja um espaço educacional potencialmente propício à discussão e à reflexão sobre as categorizações de gênero.

Os jovens universitários, de acordo com a Organização Pan Americana de Saúde (OPAS), são categorizados como juventude ou adolescência tardia, um período que compreende a tentativa de atingir um processo de maturidade cognitiva, emocional, física e social, além da busca por sua individualidade. É um período em que o jovem transita da infância para a vida adulta, vivenciando novas experiências sexuais atreladas a incertezas e dúvidas, como seria o caso das preocupações com gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, etc (ZOCCA *et al*, 2016).

No que diz respeito à sexualidade, é também nesse momento que muitas das experimentações sexuais acontecem e que o contato com informações sobre o assunto é negligenciado pelas instituições de Ensino Superior. De acordo com a pesquisa realizada com jovens universitários da Unicamp por Castro *et al* (2016), os universitários constituem o grupo populacional mais exposto a agentes das IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis). A pesquisa reiterou que não basta o conhecimento sobre o uso de preservativos, mas também o entendimento sobre IST e suas consequências, sendo importantes os espaços formais e

informais que propiciem o desenvolvimento da educação.

Outra pesquisa, realizada por Rebello e Gomes (2009) com homens universitários da cidade do Rio de Janeiro, apontou para o fato de que a maioria dos entrevistados, mesmo com acesso a informações, reproduz comportamentos impostos socialmente em suas relações sexuais, como, por exemplo, iniciar sua atividade sexual o mais cedo possível para provar sua masculinidade. Esses jovens possuem pouco espaço para falar sobre sentimentos, dúvidas e frustrações, apenas obedecendo aos *scripts* estabelecidos por serem homens.

A partir dessas reflexões a respeito da relação entre jovens universitários e a sexualidade, é possível debruçar-se sobre a maneira como as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade são construídas, nas instituições de Ensino Superior, ao longo da graduação. Muitas são as produções de artigos e pesquisas que tangem aspectos da área da saúde relativos a esse grupo populacional. Contudo, as concepções desses jovens sobre as categorizações de gênero e sexualidade são pouco consideradas pela literatura científica.

O presente trabalho justifica-se pelo fato de que muitas são as produções de artigos e pesquisas que tangem aspectos da área da saúde relativos a esse grupo populacional. Contudo, as concepções desses jovens sobre as concepções de gênero e sexualidade são pouco consideradas pela literatura científica.

A escolha por alunos do curso de Psicologia aconteceu pelo fato da formação em Psicologia ter como instrumento de trabalho a escuta qualificada, ou seja, uma escuta que não traz juízo de valores e moral, possibilitando que assuntos polêmicos possam surgir nessa abertura de espaço para a diversidade, preconizada pelo código de ética da profissão (MOURA *et al.*, 2017).

Além disso, embora os currículos, em geral, não possuam nenhuma disciplina específica sobre sexualidade, a Psicanálise está presente em toda formação de graduação em Psicologia, o que faz com que, de uma forma ou de outra, o tema seja abordado dentro dessa perspectiva teórica. Assim, podemos considerar que existe também uma proximidade entre Psicologia e o tema sexualidade por esse viés (MOURA *et al.*, 2017).

A Resolução do Conselho Federal de Psicologia de Nº001/99, Art. 2º, destaca que os profissionais formados em Psicologia devem contribuir com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito, visando o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas e proíbe qualquer ação de psicólogos (as) que possam colaborar com uma representação da homossexualidade como doença ou anormalidade, bem como realizar terapias para mudança de sua orientação sexual.

Portanto, o objetivo deste artigo é investigar as percepções de um grupo de universitários, do último ano do curso de Psicologia, oriundos de instituições de Ensino Superior da cidade de São Paulo, sobre concepções de gênero e sexualidade e tratamento dados às questões ao longo de suas formações em Psicologia.

Trajetória Metodológica

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, escolhida por possibilitar o trabalho com questões que não podem ser quantificadas. Seu objeto se relaciona com o universo dos significados, crenças, valores, aspirações e atitudes, que dizem respeito aos fenômenos humanos que estão atrelados aos pensamentos e interpretações de suas ações a partir de uma realidade vivida (MINAYO, 1994).

Foi realizado um estudo teórico de autores e autoras que analisam as temáticas presentes neste projeto, a partir de buscas de artigos e textos realizadas pelas plataformas Scielo, Google Acadêmico, utilizando palavras as palavras-chaves: Educação Sexual, Gênero, Sexualidade, Universitários, sendo selecionados aqueles que se aproximavam dos assuntos abordados nessa pesquisa. Também foi realizada a seleção de livros e artigos de autores que dialogam com perspectivas Queer, academicamente reconhecidos.

Os sujeitos da pesquisa são jovens do último ano da graduação dos cursos de Psicologia

de instituições de Ensino Superior da cidade de São Paulo. Escolheu-se o último ano pelo fato de não serem ingressantes, uma vez que a pesquisa está relacionada às experiências vivenciadas pelos sujeitos ao longo de sua permanência nas instituições de Ensino Superior.

Entrevistados

Foram realizadas 10 entrevistas com universitários/as, sendo cinco mulheres e cinco homens, com idade que variou entre 23 a 33 anos. Entre os/as entrevistados/as, todos/as eram provenientes de instituições de Ensino Superior privadas, sendo três Universidades e um Centro Universitário e, apenas 2 entrevistados, realizaram o Ensino Médio em instituições públicas de ensino. Dos 10 entrevistados/as, 2 se declararam bissexuais, 2 homossexuais e 6 heterossexuais; 2 possuem relacionamento fixo, sendo que um mora com seu/a parceiro/a e 8 são solteiros. Os 10 entrevistados se declararam cis gêneros e não possuem filhos/as. Quanto à religião, um se declarou ateu, um católico, um adventista do sétimo dia, um judeu e 6 não possuem religião. Entre eles/as, 9 estudam e trabalham e, somente um apenas estuda.

Lembrando que os/as entrevistados/as foram identificados/as com a letra S, sendo portanto, o/a primeiro/a entrevistado/a é o S1, o segundo S2, e assim sucessivamente até o S10.

Procedimento de Coleta de Dados

O convite para a participação foi realizado virtualmente, devido a pandemia do Covid-19, com as explicações sobre os objetivos da pesquisa e envio da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado pelas pesquisadoras e assinados digitalmente antes do início da pesquisa.

Os sujeitos foram escolhidos a partir da divulgação da pesquisa através de pessoas do círculo social da pesquisadora e, algumas indicações a partir dos/as próprios entrevistados/as. Foram entrevistados/as cinco universitárias do gênero feminino e cinco do gênero masculino, com o intuito de obter paridade de gênero.

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, que possibilita que os sujeitos possam expressar livremente suas opiniões e reflexões além da proposta da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987). Foi elaborado pelas pesquisadoras um roteiro de entrevistas, a partir dos objetivos e interesse da pesquisa. As entrevistas foram áudio gravadas e integralmente transcritas posteriormente. Decidiu-se que as entrevistas fossem realizadas por videochamada em função da pandemia por Covid-19 que assola o país e que impossibilitou que o contato fosse realizado pessoalmente.

É importante esclarecer que a entrevista semiestruturada, embora tenha sido construída a partir de temas que pautam o interesse da pesquisa, também permite que, ao longo da entrevista, novas questões e hipóteses sejam realizadas a partir das respostas dos sujeitos. É dessa maneira que este tipo de entrevista possibilita que o informante possa se expressar com liberdade e espontaneidade ao longo do processo (TRIVIÑOS, 1987).

Com a conclusão da coleta de dados, foi realizada a transcrição completa de todas as entrevistas, a sistematização e a análise dos mesmos para se obter as compreensões a respeito do tema e do objetivo da presente pesquisa, elencando elementos norteadores dos processos de Educação Sexual em espaços de Ensino Superior.

A categoria de codificação dos dados coletados, que constitui o elemento norteador dessa análise foi “As perspectivas tidas pelos sujeitos”, de acordo com Bogdan e BIKLEN (1994):

Esta família inclui códigos orientados para formas de pensamento compartilhadas por todos ou alguns sujeitos, mas que não são tão gerais como as perspectivas que têm sobre a definição geral da situação, embora revelem convicções concernentes a aspectos específicos da situação. Incluem

regras e normas compartilhadas, bem como pontos de vista mais gerais (p.223).

Dessa forma, a pesquisa se concentrou sobre como os sujeitos investigados entendem e se relacionam com o tema apresentado. Para isso, utilizamos o método *Análise Temática*, proposto por Gomes (1994). O método consiste em analisar as falas dos sujeitos a partir do contexto social em que estão inseridos, sendo os resultados constituídos numa aproximação da realidade social.

Partindo dessa perspectiva, é importante ressaltar que na pesquisa qualitativa a coleta e análise de dados não acontece separadamente, pois é possível que a partir do que foi analisado, seja necessário fazer novas buscas.

A última etapa foi a produção da dissertação por meio do que foi pesquisado, coletado, analisado e construído durante os momentos de pesquisa. Sendo assim, espera-se concluir a pesquisa e possibilitar novas vertentes para estudos posteriores.

Análise de dados

Os dados foram organizados em categorias construídas *à posteriori*. Empreendeu-se imersão e exaustiva leitura das entrevistas integralmente transcritas, a partir da Análise Temática (MINAYO, 1994). Para o presente trabalho elegeu-se uma das categorias resultantes da análise, conforme se apresenta abaixo.

Quadro 1. Descrição das categorias a serem analisadas

Temas	Categoria	Descrição
Homem/Mulher; Feminino/Masculino; Machismo/Feminismo; Entendimento sobre gênero e sexualidade; Relações de gênero na sociedade.	Gênero e sexualidade: inseguranças e inconsistências	Nessa categoria discute-se a maneira como jovens universitários compreendem gênero e sexualidade, suas concepções a respeito dos conceitos de homem, mulher, feminino, masculino, feminismo e machismo, relacionando-os entre si e buscando entender de que maneira eles enxergam as relações de gênero na sociedade.

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras, 2020

Resultados

Gênero e Sexualidade: inseguranças e inconsistências.

Ao serem questionados sobre de que maneira eles definiriam o que é gênero e sexualidade, grande parte dos entrevistados apresentaram respostas inconsistentes quanto a clareza conceitual. A maioria utilizou as palavras “acho” e “difícil” antes das afirmações que fizeram ou solicitaram confirmações antes de seguirem com suas falas e, alguns, demonstraram preocupações com suas respostas, como o fato de ser “cafona”:

É...a Sexualidade...eu acho...é uma pergunta difícil! Estou pensando aqui...Sexualidade eu acho que tem a ver tanto com a relação com o próprio corpo, de alguma maneira e... com outros corpos e, seria meio cafona, mas eu diria que tem a ver com um certo frio na barriga. (S1)

Observamos também que a relação entre gênero e sexualidade aparece como uma dúvida ao definir um conceito separado do outro, como podemos observar:

Sexualidade acho que é diferente de gênero, né? Sexualidade é uma coisa fisiológica, talvez eu esteja errado. Como uma pessoa nasce, se uma pessoa nasce homem ou nasce mulher...ou hermafrodita. (S6)

Um dado importante que aparece nesse momento da entrevista é de que muitos sujeitos permaneceram em silêncio durante um tempo para responderem as questões relativas à temática dessa categoria. Para além de uma inconsistência teórica, que é possível observar nos conteúdos de algumas respostas, também devemos pensar nas inseguranças que esse tema gera para que afirmações contundentes sejam feitas.

Ao longo dos anos, as categorias e fronteiras sexuais passam por transformações, já que as mudanças no contexto social e político e as novas descobertas passam a interferir nessas concepções, como por exemplo a união civil de duas pessoas do mesmo sexo ou a reivindicação de nome social para alguém que está no processo de transexualidade. Portanto, as inúmeras possibilidades de viver os prazeres e desejos sexuais corporais são sempre promovidas socialmente e podem ser perturbadoras quanto a suas definições, uma vez que essas transformações constituem novas formas de existência para todos (LOURO, 2000).

Os entrevistados apresentaram respostas sem definições nítidas sobre o conhecimento a respeito do conceito de gênero e verbalizaram certa confusão nessa elaboração, também realizando pausas longas ao responderem. A resposta apresenta também a dimensão da identidade, como podemos observar abaixo:

Me confundo com os nomes...é difícil associar exatamente com o que acontece. Eu acho que...hoje há muitos nomes, muitas definições. Acho que seria como você se entende... de forma mais identitária (S8)

A afirmação de que os conceitos de gênero e sexualidade sejam construções sociais apareceu nas respostas apenas de dois sujeitos da pesquisa, como foi o caso do S5, que além de fazer essa afirmação, também explicou que ambos podem ser modificados dependendo do contexto em que estão inseridos, não sendo apenas atrelado a fatores biológicos. De encontro com essas respostas, temos também a fala do S10, que faz apontamentos bem parecidos, mas apresenta também a concepção binária dos gêneros, ao falar sobre sexualidade:

Sexualidade? Humm...Difícil...Acho que não tem como não considerar o fator biológico da coisa, né? Ou é homem ou é mulher. E, a partir dessa definição da sexualidade, a cultura passa a construir o que é cada uma dessas coisas...Acho que é isso. (S10)

Essas falas apontam para algo que ultrapassa os fatores biológicos, ampliando a dimensão do que é gênero e sexualidade. Contudo, não conceituam de maneira mais clara. Isso indica que não foram questões problematizadas e/ou estudadas de maneira sistematizada. Além disso, o binarismo aparece, assim como a dimensão da orientação sexual, nomeada de “padrão” pelo S9 e de “opção” para o S4, ao se referirem a sexualidade.

De acordo com Louro (2000), o primeiro ponto sobre o conceito de sexualidade que precisa ser evidenciado é a que é uma construção social e política, e não apenas uma questão pessoal, e que está envolve processos profundamente plurais e culturais. A autora também ressalta que a concepção da sexualidade como algo “natural” pressupõe que todos vivenciam seus corpos da mesma forma, pautados na leitura biológica que se faz dos mesmos.

Existe uma dificuldade em constatar que a sexualidade é também uma construção cultural, como afirmam estudos e pesquisadores sobre o tema, já que muitos supõe que a natureza ou a biologia estariam fora da cultura e isso não seria possível. Ao observarmos a maneira como nos relacionamos, como exprimimos nossos desejos, como nos comportamos, fica evidente que essas construções são atravessadas pela cultura em que estamos está inserido (LOURO, 2004).

É importante que os conceitos apresentados nessa categoria sejam compreendidos

como construção social, política e econômica, para que seja possível pensar em transformações a respeito de valores e padrões sociais, como também para compreender as estruturas de poder que atuam sobre essas cristalizações a respeito de gênero e sexualidade.

Alguns entrevistados apresentaram a definição de gênero como algo que é definido pelo próprio sujeito, a partir de suas vivências e identificações, de caráter volitivo e consciente de suas escolhas:

Para mim também ele é...ele pode ser visto por várias vias, então existe uma questão biológica presente, mas também existe a questão da performance do gênero e como você se identifica, em qual parte do espectro você prefere ficar e você prefere performar (S2)

Como já foi pontuado, as respostas apresentadas indicam que as compreensões de gênero compõem de forma a ultrapassar a relação mais imediata genital de nascimento/gênero, ora como ato de vontade, ora trazendo a dimensão social, mas não compondo de forma tão clara de que maneira essas dimensões se relacionam.

A partir dos avanços nos estudos sobre gênero e sexualidade, o termo passa a ser utilizado amplamente nas pesquisas e discussões sobre o tema. Gênero é utilizado para indicar que os papéis atribuídos a homens e mulheres são construções sociais, rejeitando a ideia de que essa determinação se daria por uma explicação biológica que designa o que cada um é capaz de fazer, seja por sua força muscular ou condição de engravidar. (SCOTT, 1995).

É possível afirmar que o conceito de gênero, por exemplo, está presente em textos e estudos acadêmicos sobre o assunto e que, portanto, o contexto universitário é um espaço fértil para que ele circule e seja debatido pelos alunos, já que o contato com pesquisas e artigos faz parte da formação universitária. Como reforça Matos (2008), gênero é um conceito reconhecido e privilegiado enquanto instrumento de construção teórico-analítico, apesar de ser perceptível a diferença do uso do conceito dependendo da abordagem.

Os entrevistados também foram questionados em relação aos conceitos homem, mulher, feminino e masculino. Um dos participantes apresentou o dado de que já tinha entrado em contato com a pergunta sobre o que é um homem durante uma aula, no curso de Psicologia:

A gente teve aula de gênero na faculdade e a gente parou muito pra pensar e foi muito interessante. Eu acho que homem é uma pessoa que se declara como homem (...) Independentemente do que a cultura diz sobre o que é ser um homem. (S9)

É possível observar que a resposta do S9 mostra que o fato de ter entrado em contato com o assunto e “parado” pra pensar, como ele disse, teve um efeito importante na construção do seu conhecimento, já que ele diz que ser homem deve ser a partir do desejo da pessoa, da maneira como ela quer ser nomeada.

Muitas pessoas sofrem por não responderem às expectativas que são criadas através das normas sociais impostas pela sociedade quanto as definições do que é ser homem ou ser mulher. Esses gêneros, atribuídos no nascimento, são carregados de estereótipos e obrigações sobre como a pessoa deve ser e acabam por anular seus verdadeiros desejos e sentidos mais profundos sobre o que são (BUTLER, 2003).

Embora não tenham dito, nesse momento, de que maneira adquiriram seus conhecimentos sobre o assunto, dois entrevistados apresentaram respostas semelhantes com a citada acima, como a do S5, que disse que homem é a pessoa que se identifica dessa maneira, que encontra elementos que são considerados masculinos pra ela, de acordo com o desejo de como quer estar na sociedade. O S8 também apresenta a definição do que é um homem como uma dimensão subjetiva da pessoa que se define dessa maneira, dizendo que não concorda com a definição a partir do órgão sexual.

O S5 afirmou sua resposta também ao ser questionado sobre o que é uma mulher e respondeu baseando-se na construção da subjetividade de cada pessoa, afirmando que isso

não está atrelado a genital. O S4 também seguiu nessa mesma direção, dizendo que mulheres são indivíduos que se identificam com o gênero feminino.

Um dos entrevistados também salientou os valores e padrões que a sociedade utiliza para reforçar a ideia do que é ser homem ou mulher:

Isso vale para o que é uma mulher...foi essa quebra de “menino usa azul, menina usa rosa”, esses estereótipos que a sociedade compra com muita facilidade e foi um processo quebrar isso no sentido de que temos um homem cis hetero, um homem cis gay, um homem trans hetero, um homem trans gay. (S9)

Também, entre os entrevistados, encontramos definições relacionadas à energia masculina e feminina. O S6, no caso, apresenta dúvidas relacionadas aos fatores biológicos, como podemos observar abaixo:

É uma pessoa que tem ambas energias, tanto a energia masculina quanto a energia feminina. E é uma pessoa que se define como homem...acho que tem a parte da definição e tem a parte biológica também, não sei. Eu acho que eu nunca tinha parado para pensar assim, e é difícil definir as coisas também. Acho que o homem pode ser tudo, inclusive pode ser um não homem. (S6)

O S6 também faz um apontamento importante sobre o fato de nunca ter pensado sobre isso, o que fica evidente com o uso da expressão “não sei” ao dizer que a parte biológica pode também ser algo relevante nessa definição, o que podemos considerar como a falta de construção de reflexão crítica a respeito do essencialismo biológico presente em sua resposta.

Outras respostas se assemelharam com elabora por S6, como podemos observar. Os S3 e S10 apresentaram respostas atreladas a importância dos órgãos genitais para tais diferenciações entre os sexos, como apontam as respostas:

Homem parece que é o masculino e mulher o feminino. E também tem essa questão biológica e eu não estou dizendo “nasci assim”, mas sim fisicamente. Eu estou olhando para isso de orientação sexual, acho que é isso. (S3)

O que é ser mulher? Também...pra além das limitações biológicas, é o que é possível ser. (S10)

De acordo com essa concepção, sexo e sexualidade possuem base conceitual biológica, sendo regulados por modelos dicotômicos e binários. Esse pensamento reforça a ideia de que existe uma complementaridade entre os sexos e, portanto, papéis sociais adequados para homens e mulheres. Desconstruir o olhar essencialista sobre sexo e sexualidade é uma das maneiras de deslegitimar a discriminação de sexo/Gênero, visto que o pensamento binário é incapaz de apreender todas as formas de existência humana (PINAFI, 2015).

Para a autora Pinafi (2015), os psicólogos, enquanto profissionais responsáveis pela construção de saberes sobre os sujeitos, devem, fundamentalmente, problematizar tais questões na busca da compreensão do sujeito a partir de suas relações sociais, culturais e históricas, expandindo os binarismos anatômicos e de gênero. A autora reforça a importância do papel do psicólogo no combate a quaisquer tipos de violência sexual e/ou de gênero.

Quando questionados a respeito dos conceitos “feminino” e “masculino”, alguns dos sujeitos da pesquisa retomaram as questões energéticas e simbólicas presentes na construção dos mesmos, apresentando a teoria analítica, proposta por Jung, como parte dos estudos sobre o tema durante o curso de graduação em Psicologia.

Tem várias formas de enxergar, a primeira forma que eu enxerguei é como uma energia. Como estudante de psicologia analítica enxerga assim, tem energia masculina e tem energia feminina, que não necessariamente a energia feminina é uma mulher que vá cumprir e não necessariamente a energia masculina é o homem...(S6)

Também surgiram respostas que relacionam o feminino ao cuidar, acolher, e o masculino como agressividade e força física. Observamos, portanto, que a concepção essencialista aparece novamente nesse momento da entrevista. Segue uma das respostas elaborada pelo S4:

O feminino na verdade, eu penso sempre no feminino principalmente socialmente naquele que acolhe, então o feminino...gênero feminino é aquele que acolhe, é aquele que tem um perfil mais.. além de ser a fêmea, aquela que recebe, aquela que acolhe...aquela que gera (...) O masculino me vem, a primeiro momento...me vem força na verdade, me vem essa noção de o masculino...então me vem de força me vem até uma frieza maior (S4)

Embora apresente justificativa a partir das condições energéticas desses conceitos, a resposta reforça práticas e funções sociais atreladas aos fatores biológicos, utilizando até a palavra “fêmea”, não permitindo a abertura para novos modos de viver e experimentar-se. Dinis (2008) diz que um ato de resistência seria o de justamente conseguir romper com esse olhar dicotômico e cristalizado sobre os corpos para que seja possível construir novas fronteiras sexuais e de gênero.

O S10 relacionou a construção desses conceitos com os fatores biológicos, dizendo que são conceitos que, por esses motivos, se limitam ao corpo, mas que depois disso, é a concepção cultural que dita o que é feminino e masculino. Ainda que ele apresente a ideia de que são construções e diga que cada cultura criará suas concepções a respeito desses conceitos, ele coloca um marcador inicial dessa diferenciação o sexo biológico.

Louro (2004) diz que, na maioria das vezes, não reconhecemos que reafirmamos as diferenças entre os corpos em nosso dia a dia, pois aprendemos a naturalizá-la, a reforçá-la através de marcadores simbólicos, materiais e sociais. Construimos, culturalmente, gestos, falas, lugares, profissões, sentimentos que dizemos serem de homens, de mulheres, de homossexuais, de heterossexuais, por exemplo. Assim, o que fica parecendo é que resta apenas o reconhecimento dessa diferença “natural” como único caminho possível, ocultando o fato de que as relações de poder que estão inseridas nesse processo.

Para Butler (2003), as noções de masculino e feminino são diferentes em cada cultura, o que indica que seus significados variam. Os indivíduos, que a autora chama de sujeitos históricos, devem ter a liberdade de ressignificarem esses conceitos quando quiserem, ampliando a aceitação de diferentes identificações de gênero e de desejos constituintes do que é ser humano.

Ao serem questionados em relação aos conceitos de feminismo e machismo e grande parte das respostas apresentadas tinham definições consistentes a respeito dessas categorias, como vemos abaixo:

O machismo, na realidade, ele foi uma construção social, na verdade do que a gente vive...bem ocidental. É uma ideia de que o homem é superior a mulher, então é uma ideia e que pela superioridade do homem, ele está à frente de locais e de lugares que ele se vê melhor do que a mulher (...) Para mim isso é o feminismo, ele surge com essa ideia de trazer igualdade de gêneros, homens e mulheres são iguais e tem as mesmas capacidades, tem direito às mesmas escolhas. (S4)

As respostas dos entrevistados foram unânimes em relação ao impacto negativo do machismo em nossa sociedade e a importância do feminismo como movimento político e social. Ao serem questionados sobre as relações de gênero na sociedade, eles reforçaram essas críticas ao machismo e às relações de poder, apresentando graves problemas que são gerados, a partir disso, em vários setores sociais.

É possível notar que em relação aos conhecimentos a respeito desses conceitos, os entrevistados mostram-se muito cientes dos sérios prejuízos sofridos por todos em uma sociedade patriarcal, como a nossa, ainda que não relacionem esses apontamentos diretamente com os demais conceitos trabalhados nessa categoria. Muitas das respostas traziam claramente a ideia do essencialismo biológico nessas conceitualizações, tão reforçador do binarismo de gênero a partir do órgão sexual e de padrões fixados de gênero e sexualidade. Esses marcadores estão diretamente ligados a manutenção das relações de poder e opressão, tão criticados nas respostas acima.

Butler (2003) diz que para combater a violência de gênero é preciso que as transformações sociais sejam fomentadas por movimentos sociais e instituições que não aceitam a morte de pessoas que não se encaixam nas normas de gênero e nas expectativas heterossexuais, ou de mulheres que não são suficientemente subservientes. Serviços sociais e psicológicos, instituições educacionais, sociais e religiosas devem apoiar essas pessoas, oferecendo auxílio para que possam criar relações sociais de qualidade e viverem da maneira como quiserem.

Em relação ao feminismo, alguns entrevistados, porém, apresentaram críticas em relação ao movimento feminista, como por exemplo o S8, que utilizou a palavra “radicalismo” ao explicar que o movimento tem colaborado para o “cancelamento” das pessoas e abre a possibilidade para que muitos o julguem o feminismo como desnecessário. O S3 utiliza a expressão “extremos opostos” para se referir ao machismo e feminismo e o S5, ao se referir a maneira como o movimento feminista pode estar sendo interpretado negativamente pela sociedade, menciona as divisões que existem dentro do feminismo como um possível motivo para que isso aconteça:

(...) Eu sinto também que a forma com que está sendo lido o feminismo ultimamente, de certa maneira acaba trazendo olhares mais negativos para causa. Então, o feminismo... ele tem seus pontos muito positivos que vai levar com que as mulheres tenham uma igualdade diante de todas as violências que foi, e que ainda é sofrida pelo machismo. Mas também tem muita divisão entre os feminismos. (S5)

De acordo com Bento (2011), o feminismo que tinha como prerrogativa apenas as mulheres com “útero”, ou seja, a partir do sexo biológico, foi muito importante na conquista de direitos profissionais, políticos e reprodutivos, mas que é preciso problematizar a questão de que nem toda mulher é aceita dentro do movimento. A autora destaca: “(...) O ‘nós feministas’ tornou-se uma marca autoritária” e por isso é preciso que o feminismo não seja uma luta exclusivamente das mulheres nem que o feminino não seja uma categoria habitada apenas por elas.

Considerações Finais

A partir dos resultados da pesquisa, consideramos que foi possível observar o fato de que os sujeitos entrevistados apresentaram apenas noções básicas sobre os conceitos que foram explorados, com respostas pouco consistentes e demonstrando insegurança para responderem quando questionados.

Ao apresentarem suas concepções a respeito dos conceitos relacionados a gênero e sexualidade, constataram-se inseguranças e inconsistências na elaboração das respostas. Alguns/as relataram que se confundiam com os termos e grande parte apresentou a dimensão biológica como definição *a priori*, embora alguns/as também tenham mencionado os elementos

culturais e históricos como parte dessas definições em nossa sociedade. Apenas um dos/as entrevistados/as disse já ter tido discussões sobre os conceitos de homem e mulher em sala de aula.

Além disso, apresentaram respostas elaboradas a partir de uma visão binária dos corpos nas respostas, e muitos pontuaram que era preciso levar em conta a dimensão biológica. Nenhum deles mencionou a possibilidade de modificação do significado desses conceitos, por serem construções, nem da relevância do uso dos mesmos na busca por igualdade de direitos, embora reconheçam os problemas gerados pelos impactos negativos da estrutura machista de poder dominante da sociedade.

Em relação aos conceitos de machismo e feminismo, porém, todos/as apresentaram respostas consistentes e falaram bastante sobre os impactos das relações de poder em suas vivências, tanto dentro das instituições universitárias como também fora delas, ainda que não relacionassem a importância dos conhecimentos dos demais conceitos explorados como forma de desconstruir padrões cristalizados e discriminatórios presentes na sociedade. Os sujeitos da pesquisa mencionaram a importância da luta por direitos e mudanças no cenário político apenas quando se referiram à relevância das conquistas dos movimentos feministas, ainda que alguns/as tenham tecido críticas em relação à maneira como esses movimentos atuam.

Apenas um dos sujeitos referiu já ter estudado sobre o tema durante uma única disciplina que frequentou em seu curso e dois trouxeram a dimensão da construção histórica, cultural, política e social dos conceitos.

De acordo com Bock (1997), é necessário que a formação em Psicologia seja também política, que colabore para que os futuros psicólogos sejam aliados da transformação social, denunciando condições desumanas de vida, desigualdades, e principalmente, estranhando tudo que a sociedade produza como familiar e natural, aguçando cada vez mais seu senso crítico em relação aos valores sociais.

Ressalta-se, portanto, a importância da elaboração de políticas educacionais que proporcionem intervenções e diálogos que, efetivamente, atinjam os alunos e alunas dentro das universidades, reconhecendo a importância desse trabalho. Essas investigações apontam para a necessidade de atividades educativas, iniciativas políticas e culturais para redução das desigualdades de gênero, por exemplo. É papel da universidade, devido ao seu caráter de pesquisa, extensão e formação, oferecer meios que favoreçam a formação profissionais cidadãos que promovam a transformação social.

Referências

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, ago. 2011. DOI: 10.1590/S0104-026X2011000200016.

BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: ciência e profissão**, 17(2), 37-42. 1997.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. R. Aguiar (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, E. L.; CALDAS, T. A.; MORCILLO, A. M.; PEREIRA, E. M. A.; VELHO, P. E. N. F. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1975-1984, jun. 2016. DOI: doi.org/10.1590/1413-81232015216.00492015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 30 dez 2020.

DINIS, N. F. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G.L. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento**. Texto apresentado no II Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura (ABEH) realizado de 16 a 19 de junho de 2004, em Brasília, DF, Brasil.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, ago. 2008. DOI: 10.1590/S0104-026X2008000200003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. MDH divulga dados sobre feminicídio. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/agosto/ligue-180-recebe-e-encaminha-denuncias-de-violencia-contras-as-mulheres#:~:text=De%20janeiro%20a%20julho%20de%202018%2C%20o%20Ligue%20180%20registrou,e%20118%20tentativas%20de%20homic%C3%ADdios>. Acesso em: 03 fev. 2020.

MOURA, A. F. M.; PACHECO, A. P.; DIETRICH, C. F.; ZANELLA, A. V. Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. **Psic. Arg.**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 437-446, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20217>. Acesso em: 20 jun. 2020.

OLIVEIRA, J. M. D.; MOTT, L. (Orgs.). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: relatório do Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

PINAFI, T. **Do Paradigma Essencialista para o Pós-Estruturalismo: uma reflexão Epistemológica sobre Sexualidade**. *Temas em Psicologia*, 23(3), 693-700. 2015. [data de consulta 18 de março de 2021]. ISSN: 1413-389X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=5137/513751492013>.

REBELLO, L., GOMES, R. Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(2), 653-660. 2009.

RIOS, R. R. Para um direito democrático de sexualidade. **Horizontes Antropológicos**, 12(26), p. 71-100. 2006.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Jul/dez. 1995. 20(2), p. 71 – 99.

SCOTT, J. W. Os usos e abusos de gênero. A. C. E. C. Soares (Trad.). **Projeto História**, 45, 327-351. 2012. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/15018/11212>.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZOCCA, A. R.; MUZETTI, L. R.; NOGUEIRA, N. S.; RIBEIRO, P. R. M. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. **Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação**, 10(esp2), 1463-1476. 2016. <https://doi.org/10.21723/riaee.v10i6.8331>. Acesso em: 14 de dez. 2020.

Recebido em: 17 de dezembro de 2021

Aceito em: 28 de dezembro de 2021